

Farei com que se movam os corpos, balancem as almas, revirem os olhos, se voltem às páginas anteriores, se releiam os textos para causar o riso, compareçam para servir a vida como água potável.

Quando vejo, me reencontro com a alegria, e eu me doo e espero que a vida me dê às delicadas e esperadas gentilezas. Hábeis argumentos emancipam minha carência. A vastidão de bens disponíveis adoça meu olho, meu riso frequenta a vida. Tenho que criar novas necessidades.

Evoco a excitação que me comunica esses sentimentos permanentes. Partilho a alegria de viver dando ressonância à fertilidade que me anuncia que em ti eu tenho a raiz.

Acabados meus prazeres inocentes, permaneço emocionado, respiro teu ar, és meu vício, teu olhar voa até meu amanhã nas tuas insinuações, fincas no meu futuro um consolo para meu arsenal de recursos.

Deixei de obedecer a ditas fecundas tarefas, razões arbitrárias, protocolos desumanizados, promessas inconsequentes. Já não sei mais ter solenes inocências.

As ambiguidades estão presentes em todos os contextos aprendizes e o monopólio das idiotices no vazio dos especialistas de coisa nenhuma.

Não perdemos perder de vista uma maneira de promover o sentir humano onde o centro seja a identificação com a família dos humanos, de nossa história, a cultura milenar com a memória que nos constitui.

Respondemos à vida com o nosso patrimônio pessoal, este patrimônio é a nossa história, a dos nossos pais, avós e de todos aqueles que carregamos em nossas células.

Pais e filhos obrigados à juventude eterna, desempenhos escolares e laborais, atividades esportivas e acadêmicas, sexuais, saber inglês, informática, ter informação contínua e excessiva confundida sem conhecimento, exposição da privacidade em contatos virtuais. Exigidos a atender muitas solicitações alheias, pouco sabem de si, obedientes, cumprem exigências externas até descobrirem que estão abandonando a si mesmos. A cultura se apresenta definida para ser construída; não consumida,

Riscos invisíveis são vividos todos os dias, ter acesso a eles sem a obrigação do experimentar, evita trágicos arremedos.

Muitos vivem a vida que não querem viver, invisíveis em casa, aborrecidos na escola, cada vez mais inútil, medrosos na adolescência, desempregados, desiludidos, aprendendo a se defender das instituições que deveriam de ele cuidar. Servem onde era para ser servidos.

Enquanto o centro tratar a periferia com manipulações quantitativas, com falsas soluções culturais, artísticas e esportivas, usando o entretenimento como diluição da consciência social e a engenharia social, com uma proposta da identidade contemporânea que sustenta o consumismo como fonte principal de motivação à vida. Supérfluos que revitalizam o pensamento mágico, a

superficialidade e o uso racional de um saber caricaturado dominando o sistema com ofertas em autoajudas, mágicas e outras ofertas oportunistas. Consolidado o estímulo indiscriminado de impor experiências, atos inconsequentes, e através destas práticas, os aproveitadores de ocasião oferecem como saída os consumos que transformam os valores em coisas, e o corpo e a alma em objetos. Pretendendo substituir a essência histórica da espécie dos humanos por meros comportamentos impulsivos e compulsivos sem regras e sem valores

O que poucos percebem é a extraordinária mudança acontecida com o fenômeno da globalização que atinge conceitos fundamentais da organização psíquica dos humanos. A própria alteração dos conceitos de “tempo e espaço” resultado da intromissão de uma história alheia à familiar tendo novos valores que não aqueles adquiridos pela convivência com aqueles de sua mesma cultura. O enfoque desta questão articula novas formas de construção de identidades.

Ao basear-se na autoridade há pais que deixam de intervir nos filhos, por isso eles estão confundidos, sem limites. A partir da construção da Engenharia Social se cria um conceito de identidade. A identidade e a formação do Eu, na atualidade,- em função da diluição das funções de mãe e pai, muitas vezes se dá através do grupo de pertencimento e não na família. As funções familiares postas em um plano secundário é uma forma de substituir a família pelo Estado como núcleo primário na construção da identidade dos humanos.

Os jovens obrigados à jovialidade, desempenhos escolares, atividades esportivas, sexuais, sabem mais que os pais, tem informação, e escasso conhecimento. Exigidos a atender muitas solicitações alheias a eles mesmos, pouco sabem de si, obedientes, cumprem exigências até descobrir que estão abandonados, esvaziados na construção de si mesmos, e isto quando o percebem. Esta é uma sutil forma de neocolonialismo auto cumprido.

Dei-me conta que na vida, nos diferentes tipos de relações, geralmente somos atraídos ao drama, como se o valioso fosse a tragédia. Pouco disfrutamos dos logros, aventuras felizes e, sobretudo compartilhando tudo aquilo que nos ajuda a crescer; pois, da maneira mais insensata aquele que tenta é qualificado como narcisista, como egocentrismo, com egoísmo, tirando toda possibilidade de crescimentos conjuntos.

Vejo que as crianças e os adolescentes atualmente são imigrantes dentro de seus países, lutam por uma identidade e por um reconhecimento, silenciosos vivem da privação de futuro, seu mundo é cheio de perigos, nunca como antes a violência é imperativa e em fim como agora, por tanto, sobreviventes desamparados.

Observo a surpresa com que os adolescentes assumem uma intimidante labilidade nas identidades mutantes, tendo de enfrentar novas formas de produção que não dependam exclusivamente destas formações, onde o dinheiro e o poder distribuem mal os lugares, os bens, as leis e o respeito a tanto outros valores.

As questões que se supõe dos adolescentes, na verdade são uma leitura de adultos, de uma sociedade em que o adolescente vive como um lugar que lhes oferecemos para viver. Nós somos os construtores de suas representações, lhes inibimos ou reconhecemos, lhes intoxicamos ou lhes damos consciência crítica para que se afastem da anestesia das drogas lícitas e ilícitas, do sexo sem nexos, compulsivo e descartável.

A politização dos conceitos relacionados aos humanos abriga um sentido que costumamos excluir, nossas teorias tentam assemelhar as identidades, as nivelar em todos, escolarizados y não escolarizados, trabalhadores, ociosos e escravizados, filhos de pais separados e filhos adotados, filhos de ricos e pobres econômicos, culturais e éticos. A judicialização da notícia, das ciências médicas, das estatísticas, da Justiça, decapita a liberdade.

O separatismo disfarçado de classe social segrega e limita os conceitos e as representações de maneira que alguns tem espaço para crescer e outros para marginalizar-se.

Nosso futuro estará diretamente comprometido com que façamos sentidos novos e mantenhamos uma cultura de resistência em uma espécie que se nega a ser relegada a ser objeto de consumo, e que siga lutando por seu protagonismo social e cultural.

A negação da cobiça e a indução ao erro necessitam um trato de perversão dos valores para alcançar-se à solidariedade e a honestidade entre outros valores. A idealização do “posso tudo” alimenta a heroicidade, a perda da capacidade de assombro, estimulando a erotização dos riscos, temperos da desgraça.

Necessitamos uma revolução da consciência que nos liberte da omissão e da indiferença.

O poder imposto pelo colonialismo cultural contamina o ar da liberdade, intoxica as mentes e polui os valores. Faz crer que ser livre é bombardear países, embargar, ordenar, submeter economicamente, dirigir politicamente, dominar e difundir um idioma como universal e controlar agências que divulguem esses “benefícios” a todos nós. O poder imposto é como um lobo pastorando as minhas ovelhas esperando minha gratidão.

Do outro lado do computador tem uma pessoa; do outro lado da tela, olhos; do outro lado do botão, uma impressão digital; do outro lado do chip, um inventor; do outro lado do texto, um autor. A novidade advém do conhecimento e da dedicação.

Na aceleração ou na estagnação não se encontra o tempo necessário para a absorção de si e do mundo.

Todos os indicadores prévios são relíquias para ser recordadas, o presente é demasiadamente curto para incluir o que ainda não existe, esta, a chave para saber-se que nunca teremos acesso ao futuro.

Mastigo a mudez para que o susto não transpasse meu grito cada vez que me assusto com trovões.

Estranhos consomem as mesmas palavras, repetem as mesmas ilusões. Na lista de espera, faz-se visível o adiamento, que valha a pena ter uma alma resignada e a possessão desistida.

Encontrei sinais de tentações em desuso.

A vida é um processo permanente, não espera retardos, nem retardados.

A raiz que sustenta o amor regula a retomada dos espantos.

Saberei ser teu amante? Por quais razões eu repararia no encanto do teu olhar se teus olhos não me olhassem? Quais arrepios me eriçariam a vontade de te amar, se tua competência não tivesse aprendido a me fazer gozar?

Tu como eu conheces certamente a dor da dor, o horror da solidão, o vazio do exílio. Mostra-me todos teus disfarces para que não use o único que tenho.

Esgota-se o princípio da tolerância quando, por razões externas a mim, ofendem meus sonhos.

Extraviado o rumo das soluções, sigo pensando entre parêntesis a vida como uma obra incompleta.

Que tipo de dores podemos consolar?

Ninguém nos conhece quando estamos mal.

As crianças não são projetos inacabados dos adultos, nem podem usar a razão com a mesma agilidade com que os adultos o fazem, quando o fazem.

Se na divulgação da informação a maior parte do material disponível dispersa a realidade e superficializa o saber, então a responsabilidade de criar um espaço de reserva do conhecimento é cada vez mais importante.

O espelho me devolve a certeza do efêmero que sou.

A indução publicitária para o consumo, no colonialismo, exige o esquecimento dos méritos, das injustiças, se validam as perversidades.

No começo tentei fazer com que os demais ampliassem seus conhecimentos. Com o passar dos anos, minha preocupação com os demais é para que eles não tentem fazer-me pensar como eles querem que eu pense.

Como posso chamar esse idioma que em vão tenta registrar desconcertantes prazeres, sem itinerário, como um protagonista sem recursos, oscilando entre caça e caçador?

Há dias em que reapareço fingindo haver esquecido quem sou. Havia-me separado tanto desta vida, que meus costumes se tornaram estranhos. O período de isolamento havia purificado a obrigação do dever, dando-me o privilégio de não ter mais que fazer esforços em vão.

A juventude apressada, em suas interpretações ingênuas, em seu afã de domínio e posse, não se apercebe quando lhes encham de ausências e escassez.



Tento empurrar minha decepção para um merecido repouso. Já não posso confiar em labirintos e promessas, não quero sobressaltos que me urgenciem pesos insuportáveis.

Estou impregnado de uma curiosidade infinita que me nutre o prazer de enumerar todos os bens que estou conhecendo, enquanto o amor que sinto vai assumindo outras formas.

Arrisco formas de conhecimento substituídos de carências abertas, declaro bens e tempos disponíveis criando novos encontros e despedidas.

Que se aquietem os tempos e os temporais. Estranhos consomem as mesmas palavras, repetem as mesmas ilusões. Na lista de espera faz-se visível o adiamento, que pressiona para valer a pena ter uma alma resignada e a possessão desistida.

Espelhar-se na mediocridade anima a insensatez a fazer-se presente de forma degenerada.